

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FRENTE AO LUTO NA INFÂNCIA COM A PERDA DE UM DOS GENITORES

CONTRIBUTIONS OF PSYCHOLOGY IN CHILDHOOD GRIEF WITH THE LOSS OF A PARENT

Ana Paula Carvalho Silva¹

Mara Thalissa Diniz Maranhão Oliveira²

Yasmin de Cássia da Silva Ferreira³

Luciana Carmo Ferreira da Silva⁴

Resumo: O luto é um processo vivenciado pela perda ou ausência de um ente, objeto ou uma situação, desencadeando sofrimento, além de reações comportamentais, emocionais e sentimentais. Segundo estudos, a criança possui capacidade de compreensão acerca da morte, precisando-se respeitar apenas o seu nível de desenvolvimento cognitivo/emocional. Os genito-

356

1 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau

2 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau

3 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau

4 Especialista em Dependência Química pelo Instituto de Psiquiatria (IPQ) da Universidade de São Paulo e professora do Departamento de Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau – Campus de São Luís/MA

res representam para o infante suporte físico, emocional e de segurança, assim, sua partida é entendida como causadora de extrema dor e geradora de sentimentos de desesperança e desamparo. A Psicologia dispõe de diversas estratégias para lidar com o luto infantil. Este trabalho teve como objetivo demonstrar a contribuição da Psicologia frente ao luto na infância com a perda de um dos genitores, por meio da compreensão do desenvolvimento infantil, do entendimento sobre o luto na infância, da importância da elaboração do luto e da avaliação psicológica da perda de um dos genitores. Baseou-se em uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa-descritiva, no período entre 2005 a 2021. Concluiu-se a importância da psicologia para a elaboração do luto infantil, haja vista que essa ciência dispõe de diversos meios,

como a Psicoeducação sobre luto e as emoções por ele desencadeadas, a terapia lúdica, participação em centros ou grupos de apoio pelo genitor sobrevivente, bem como a psicoterapia para ressignificação desse processo e de suas consequências.

Palavras-chaves: infância, luto, luto infantil, genitores, psicologia.

Abstract: Grief is a process experienced by the loss or absence of a person, object or situation, triggering suffering, in addition to behavioral, emotional and sentimental reactions. According to studies, the child has the ability to understand about death, only needing to respect their level of cognitive/emotional development. The parents represent physical, emotional and security support for the infant, thus, their departu-

re is understood as causing extreme pain and generating feelings of hopelessness and helplessness. Psychology has several strategies to deal with childhood grief. This work aimed to demonstrate the contribution of Psychology in the face of grief in childhood with the loss of one of the parents, through the understanding of child development, the understanding of grief in childhood, the importance of mourning and psychological assessment the loss of one of the parents. It was based on a bibliographic review with a qualitative-descriptive approach, in the period between 2005 and 2021. It concluded the importance of psychology for the elaboration of child mourning, given that this science has several means, such as psychoeducation about mourning and the emotions triggered by it, ludic therapy, participation in centers or support groups by

the surviving parent, as well as psychotherapy to redefine this process and its consequences.

Keywords: childhood, mourning, child mourning, parents, psychology.

INTRODUÇÃO

A palavra luto, em sua etimologia bereavement é referente ao estado emocional de estar bereft, que significa “ser despojado de” ou “ser rasgado”. A sensação de se sentir “rasgado” ou dilacerado faz associação à dor descrita pelos enlutados, como algo que não tem fim. Essa emoção está presente em pessoas ao perderem seus entes próximos, apesar de doloroso, é normal que ocorra para que haja um recomeço na vida de quem é acometido pela perda (SOARES e MAUTONI, 2013).

Denomina-se de luto o

processo vivenciado pela perda ou ausência de um ente, de uma situação ou objeto, que desencadeia sofrimento e reações comportamentais, emocionais e sentimentais devido ao forte vínculo construído. A sua elaboração é influenciada pelo contexto histórico-cultural em que o sujeito está inserido, no entanto é experienciada de modo subjetivo por cada enlutado (PEIXOTO et al., 2021; KOVÁCS, 2009; WORDEN, 2013).

No que concerne ao luto na infância, observa-se que a criança possui capacidade de compreensão acerca da morte, deve-se levar em consideração o nível de desenvolvimento cognitivo/emocional em que a mesma se encontra no momento da perda. Frisa-se a importância da elaboração deste luto permitindo que se vivencie a dor. Pessoas próximas devem incentivar a verbalização e demonstração dos sentimentos, de modo a

evitar que comportamentos agressivos, dor corporal e irritabilidade permeiem o infante (PEDRO et al, 2010; SANTOS, 2017).

Em relação a esta fase do desenvolvimento, os genitores representam para a criança suporte emocional e físico, bem como fonte de segurança. No que diz respeito aos termos maternidade e paternidade, estes vão além da capacidade de gerar uma vida, pois apresentam também funções específicas na vida do infante, como a responsabilidade social. Estes papéis são construídos a partir do contexto sociocultural, onde a mãe é vista com o objetivo de promover saúde, educação e alimento, enquanto cabe ao pai ser o provedor da casa, também conhecido como condutor moral (SOUZA, GUILHERME e MESQUITA NETO, 2017; MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011).

A morte de um dos pais

gera na criança uma das maiores crises que atravessará na vida, onde o mundo não terá a mesma representação de segurança que possuía antes. A partida destes é algo extremamente doloroso e gerador de sentimentos de desespero e desamparo. Ao perder um dos pais, faz-se necessário que o genitor sobrevivente ofereça apoio para o infante, assegurando-lhe proteção, visto que é comum o medo da sua própria partida, bem como a do outro progenitor (SOUZA, GUILHERME e MESQUITA NETO, 2017; TORRES, 2012, p. 126).

No que se refere ao enfrentamento do luto e a diminuição dos seus efeitos, a ciência psicológica contribui na construção de estratégias que visam fornecer apoio especializado, grupos de aconselhamento sobre luto e psicoterapia, com a finalidade de permitir a expressão e validação dos

sentimentos e emoções, de modo que ocorra a ressignificação do momento, evitando assim maiores problemas de ordem emocional e física. O profissional da psicologia colabora nessa reorganização de forma a sugerir novas perspectivas, considerando essa organização em várias esferas da rotina (FIGUEIREDO, 2019; RAMOS, 2016; BASSO e WAINER, 2011).

Assim, o tema “Contribuições da psicologia frente ao luto na infância com a perda de um dos genitores” teve sua escolha devido à sua relevância, primando pela demonstração das colaborações que a ciência psicológica dispõe diante uma perda significativa para o infante, como a de um dos genitores. Portanto, torna-se necessário também evidenciar a capacidade de assimilação que a criança possui sobre a morte, visto que a mesma vivencia esse proces-

so de forma similar a do adulto. Desta forma, o presente trabalho consiste na análise dos estudos já publicados, que descrevem como a Psicologia contribui para a elaboração do luto na infância, bem como esclarecer para os adultos a importância da mesma ser inserida nesse processo.

O objetivo deste estudo foi realizar uma pesquisa bibliográfica sobre as estratégias desenvolvidas pela Psicologia para lidar com o luto na infância, com uma abordagem qualitativa-descritiva, que consiste em analisar, resumir e organizar os resultados de pesquisas teóricas ou empíricas. Didaticamente, o tema está dividido em: desenvolvimento infantil, referência dos genitores para a criança, luto, luto na infância, luto na infância pela perda de um dos genitores, contribuição da psicologia frente ao luto na infância. Na sequência, tem-se a metodologia

da pesquisa e, posteriormente, os resultados e discussões. As considerações finais darão as contribuições relativas sobre a exposição do estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desenvolvimento Infantil

O início da vida humana está marcado por um processo intenso de transformação que será contínuo até o fim do ciclo vital. A concepção tem como marco a fecundação do espermatozóide com o óvulo dando origem a espécie humana, que ao longo do processo vai adquirindo habilidades como andar, falar e raciocinar. Mesmo que exista a natureza dinâmica do ser humano, alguns processos serão vivenciados de forma similar, como o bebê que vai crescendo, até tornar-se criança, depois passando pela adolescência, adultez e

velhice (PAPALIA e FELDMAN, 2012).

A literatura aponta que a infância (uma das primeiras fases do desenvolvimento humano) é compreendida em três subfases, a primeira do nascimento aos três anos de idade, a segunda dos três aos seis e a terceira dos seis aos onze anos (GONÇALVES, 2016).

No que concerne aos aspectos cognitivos, físicos e psicossociais presentes na infância, existe o desenvolvimento de habilidades motoras e o aumento gradual do cérebro, as capacidades de lembranças e aprendizagens, uso dos símbolos, resolução de problemas, interesses e vínculos com os pais e outras pessoas e interesse pelos pares (PAPALIA e FELDMAN, 2012). Bee (1997, p. 312) citado por Gonçalves (2016) afirma que desenvolvimento físico se torna mais devagar a partir dos seis aos onze anos, entretanto, as

relações com os pares se solidifica, existindo a partir deste momento uma maior interação com pessoas da mesma faixa etária, contudo com a chegada da adolescência haverá algumas mudanças tanto corporais, hormonais quanto comportamentais.

A segunda fase do desenvolvimento é a adolescência, marcada por ser um momento de descobertas e na transformação física do corpo infantil para o adulto, com instabilidades extremas, necessárias para a construção de sua identidade e personalidade. Existem características concernentes a este momento, como tendência em estar em grupos, o afastamento das figuras parentais e familiares, influência dos pares, uso e abuso de álcool e outras drogas, desenvolvimento de transtornos mentais, de personalidade e humor (ABERASTURY e KNOBEL, 1981). Nessa transição existem três

grandes lutos como o da perda do corpo infantil, pela identidade e papel infantil e o luto pelos pais da infância. A boa elaboração dessa fase permitirá que esse adolescente forme sua identidade e adentre a adultez de forma equilibrada.

Para fins didáticos a literatura subdivide a Adultez em três fases como: Adulto Jovem dos 21 aos 40, Adulto de meia idade dos 40 aos 60 e a Maturidade que vai dos 60 em diante. Na primeira está presente a necessidade de manter relacionamentos mais íntimos com as pessoas, tendendo a ser mais seletivo. A identidade que foi formada na adolescência vai ser apropriada por este adulto. De acordo com Veríssimo (2002) a segunda consiste no estabelecimento de vínculos amorosos através de casamentos, filhos, ser produtivo e trabalhar e a última está voltada para uma aproximação da morte, já que não se sabe o que esperar

do futuro, pois é um capítulo que ocorre uma mudança frente a esse processo (PAPALIA e FELDMAN, 2012).

Segundo Gonçalves (2016) no que concerne ao ciclo vital, independentemente de vivenciar todas as fases ou não, a morte é um marco que sinaliza um final e que faz parte da existência humana. É uma temática que gera inúmeros questionamentos desde a concepção do mundo, já que existe a dúvida para onde se vai ou se tudo é uma fase. No entanto, a mesma é inspiração para músicos, escritores e até poetas, isso demonstra a importância em abordar tal assunto (KOVÁCS, 2005).

Referência dos genitores para a criança

Entende-se o papel materno como importante para os cuidados ao infante, representan-



do assim uma relação de amparo e dependência. Fornece suporte físico ao filho, carinho, colo e sustentação, além disso, se a mãe lhe oferece conforto, amor e compreensão, há uma tendência à criança desenvolver emoções mais satisfatórias em sua vida. Desempenha assim muitas funções importantes para o desenvolvimento infantil em seus vários níveis, incluindo os mais complexos. Em se tratando do pai, aliam-se socialmente funções relativas à autoridade e disciplina, além disso, é também modelo o qual a criança se identifica e se espelha, possibilita também a inibição de comportamentos agressivos ou danosos e referente aos meninos, contribui para a formação da identidade masculina (OLIVEIRA, 2012).

O genitor é para uma criança provedor emocional e físico, além da imagem de onipotência que o infante carrega, fonte de

sua segurança. A partida destes é algo extremamente doloroso e gerador de sentimentos de desespero e desamparo. O luto faz a criança lidar com sentimentos desconhecidos, tendo esta que se reorganizar e se reestruturar, de tal modo que aprenda a lidar com os mesmos. Ao perder um dos genitores, faz-se necessário que o pai sobrevivente ofereça aporte para o infante, assegurando-lhe proteção, visto que é comum o medo da sua própria partida, bem como a do outro genitor (SOUZA, GUILHERME e MESQUITA NETO, 2017).

Essa temática tem sido estudada e difundida por pesquisadores já que, a criança necessita de experiências com os pais para ter um desenvolvimento saudável, garantindo-lhe a sobrevivência. Essa relação entre ambos é permeada por aspectos individuais como o biológico que adentra na história da evolução, questões

sociais e ambientais, que se interrelacionam com o biológico e modulam o comportamento dos pais. Percebe-se que os estudos se direcionam mais para os cuidados da mãe, em detrimento da figura do pai (MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011).

Considerando o contexto familiar, é necessário enfatizar que este é o primeiro agente de inserção social da criança, deste modo, os pais ou responsáveis que devem ensinar as primeiras regras e informações acerca do mundo, se tornando nesse caso, uma referência. É necessário que o infante tenha espaço para se expressar, falar o que pensa e o que sente, e cabe aos genitores acolher, ouvir, conversar e observar para que o relacionamento entre ambos seja saudável (ROMEU, 2016 apud LIMACHI et al, 2017).

Em relação aos termos maternidade e paternidade, estes

vão além da capacidade de gerar uma vida, pois cada um possui uma função específica na vida de uma criança, pois também tem o papel de responsabilidade social, já que a mãe tem como principal objetivo a educação, saúde e o alimento, e o pai é visto como aquele que é o provedor da casa, sendo chamado também de condutor moral. Tais papéis são construções socioculturais, pois carregam questões como identidade e gênero e aspectos biológicos que estão presentes desde a história da espécie humana (MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011).

Luto

De acordo com Kovács (2002) citado por Combinato e Queiroz (2006) os estudos acerca da morte iniciaram-se por volta de 1904 através do Médico canadense William Osler (1849- 1919) com



o trabalho intitulado “A study of death”, no qual aborda as dimensões física e psicológica da morte para reduzir o sofrimento advindo dela. Após a segunda guerra mundial, houve a intensificação dos estudos da morte, no qual nasce a Tanatologia. Anos mais tarde, a psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross se torna pioneira nos estudos realizados com pacientes em fase terminal através de suas experiências. O ápice de sua contribuição está na obra “Sobre a morte e o morrer”, a qual lista os estágios vivenciados na terminalidade, sendo classificados como: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação (KÜBLER-ROSS, 1969/1998 apud COMBINATO e QUEIROZ, 2006).

No campo da Tanatologia, existem diversos temas de estudo como o luto, que é um processo natural ao passar por frequentes experiências de perda. Sendo de-

terminado pela ruptura de um vínculo entre pessoa e o seu objeto. Esse luto não é caracterizado somente pela morte de uma pessoa, podendo ser estendido a morte de animais, objetos, mudanças ou fins de relacionamento. O processo é demorado e evidenciado por dor, tristeza profunda, depressão e desamparo, podendo ser estendido por tempo indeterminado. Sendo relevante no enfrentamento a elaboração das perdas simbólicas e reais ao longo da vida (CAVALCANTI, 2013).

A morte pode gerar fortes sentimentos desorganizadores no ser humano, possibilitando afirmar que a dor causada pelo luto é uma das maiores fontes de sofrimento psicológico, apesar de ser algo natural, seus impactos afetam tanto internamente aos enlutados, como seu ambiente social, assim, levando o indivíduo a certo grau de vulnerabilidade e maior pre-

disposição ao adoecimento físico e emocional. Quanto as reações, não é correto uma padronização das mesmas, visto que a depender da história de vida da pessoa, respostas instintivas, medos surgidos frente a perda, suporte social e cultural, relacionamento com a pessoa, objeto ou situação que findou e bem como as condições da perda influenciarão neste processo, sendo fundamental a partir da análise do contexto (SANTOS, 2017).

A palavra luto, em sua etimologia bereavement é referente ao estado emocional de estar bereft, palavra esta que significa “ser despojado de” ou “ser rasgado”. A sensação de se sentir “rasgado” ou dilacerado faz associação à dor descrita pelos enlutados, como se fosse algo que não tivesse fim. Essa emoção está presente em pessoas ao perderem seus entes próximos. Apesar de doloroso, é normal que ocorra para que haja

um recomeço na vida de quem é acometido pela perda (SOARES e MAUTONI, 2013).

Entende-se o luto como um processo em que o indivíduo é acometido devido à perda de um ente, de uma situação ou objeto, desencadeando sofrimento que é vivenciado de modo subjetivo por cada sujeito. A elaboração do luto varia conforme o contexto histórico-cultural em que se está inserido, além disso, acerca de como se dará o luto e seus principais aspectos variadas são as contribuições na literatura (PEIXOTO et al., 2021).

O conceito de luto é abordado de diversas formas, segundo Kovács (2009) o luto é compreendido por um processo que será elaborado ao se perderem pessoas ou coisas às quais existia um forte vínculo. De modo similar é retratado através de Worden (2013) sobre o luto, sendo este pro-



cesso resultante da ausência do objeto que tem influência sobre o enlutado, ocasionando reações comportamentais, emocionais e sentimentais com o intuito de se reestabelecer a conexão com o objeto que partira.

O luto é vivido pela grande maioria dos seres em algum momento de suas vidas e quando bem sucedido pode trazer maturidade. Apesar deste fato, mesmo se bem elaborado, se caracteriza por um episódio doloroso em que é necessário grande esforço, para que haja ajuste ao novo modo de viver. Determinadas pessoas necessitam de auxílio profissional para lidarem com o luto, que por se tratar de um processo e não de um estado, não consiste em sintomas que surgem devido à perda e após desaparecem. É transitório, possuindo avanços e recuos, pode ser compreendido como manifestações clínicas que se substituem e

se mesclam (SANTOS e CUSTÓDIO, 2017).

Muitos autores trouxeram contribuições acerca do luto, tratando do mesmo em algumas fases. Segundo Elizabeth Kübler-Ross (1996) o luto possui cinco estágios: primeiro de negação e isolamento, funcionando como um mecanismo de defesa contra a reação a priori demarcada por choque diante a partida. O segundo é a raiva, na qual o enlutado se queixa de tudo que ocorreu, sentindo revolta, ressentimento, dentre outros. Externá-la proporciona alívio para gradativamente ir aceitando o luto. O terceiro é a barganha em que há uma negociação diante dos seus medos com figuras as quais o enlutado considera superior e com capacidade de intervenção. O quarto é a depressão, reativa (quando ocorrem outras perdas, seja de emprego, dinheiro etc., devido à partida do ente) e prepara-

tória (o processo de aceitação está mais próximo, fazendo com que os enlutados repensem a sua vida). O quinto e último consiste na aceitação, onde há melhor expressão das emoções, o indivíduo tende a ficar mais calmo e a se reorganizar (apud. CARNAÚBA e CUNHA, 2016).

Bolwby (1998) identificou quatro fases no luto, evidenciando não ocorrerem de modo definido em cada sujeito. Tem-se primeiro o entorpecimento ou choque (predomina raiva e aflição), o segundo é o anseio ou busca pela figura perdida (pode durar meses ou até mesmo anos), o terceiro é desorganização e desespero e por fim, a quarta fase é a reorganização (apud. MEIRELES, 2016).

O luto constitui um processo complexo, o qual em alguns casos, faz-se necessário o auxílio de profissionais para a sua elaboração. A vivência deste processo

é primordial para a saúde mental do enlutado, que por sua vez sentirá esse episódio demarcado por dores agudas, psíquicas e grande ansiedade. Aspectos psicológicos permeiam essa fase, podendo ocasionar tristeza, desinteresse, isolamento social, impaciência, irritabilidade, insônia, pensamentos invasivos e sentimentos de saudade. Além destes fatores, é provável afetar também alguns hábitos, interferindo no apetite, variações de peso, aumento ou diminuição do interesse sexual e alterações de sono (SANTANA, 2017).

Conforme os tipos de perda, o processo de luto terá variados aspectos. As caracterizadas como reais, como por exemplo, pela concretude da morte de um ser, geram uma quebra de vínculo abrupto e irreversível, permeado por dor, tristeza e saudade. Em se tratando de perdas simbólicas, citam-se as por separação que po-

dem ser mais dolorosas em alguns casos, devido ao fato daquele objeto amado ainda está em vida, sem possibilidade de vínculo. Ademais, tem-se outras perdas como a transição de fases da vida (infância, idade adulta e velhice), mudança de emprego, casa, matrimônio e nascimento de um filho (o qual se finda o modo de viver anterior para o início desse novo ciclo), são momentos desencadeadores de medo, forte angústia, tristeza e desestruturação do ego (PEREIRA e PIRES, 2018).

Algumas manifestações podem ser identificadas nos diversos tipos de finitude, tais como em termos afetivos: a depressão, culpa, ansiedade, solidão, raiva, falta de prazer e hostilidade, presença de comportamentos como choro frequente, agitação ou fadiga. A imagem que o enlutado tem de si, do objeto ou pessoa perdida, bem como do ambiente ao seu redor

poderá ser distorcida, gerando baixa autoestima, auto reprovação, desamparo e atitudes ambivalentes, ademais, cognitivamente, alguns prejuízos como a lentidão no pensamento e na concentração possivelmente serão desencadeados. Ressaltam-se que algumas doenças psicossomáticas podem surgir como reação ao processo de luto, conforme sua intensidade e duração (SANTOS; YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017).

Luto na infância

Entende-se que conforme as fases do desenvolvimento infantil muitas serão as formas de compreensão da morte. Até os três anos, será percebida como uma ausência temporária. Por volta dos quatro anos, esse processo é vivenciado com bastante tristeza, emoção observada nos adultos, mas ainda não há a noção de irreversibilidade, reforçada através

dos desenhos e pelas explicações dadas por adultos de que o ente está descansando, dormindo ou em viagem. Por volta dos sete anos, tem-se a noção da morte como algo irreversível, facilitando sua elaboração, mas apenas entre nove e doze anos, é vista também como universal e comum a todos (PEDRO et al, 2010).

As etapas de luto infantil se assemelham à dos adultos, conforme Bowlby (2001), se dividem em quatro: entorpecimento, protesto e busca da figura perdida (ambas marcadas por agitação e choro), desorganização e desespero (aceita a partida, mas, ainda tem esperanças da sua volta) e por fim, reorganização (há um desapego e desligamento da figura perdida, com início de novas relações). Reações de isolamento, déficits cognitivos, choro, medo, insônia, distúrbios alimentares, dentre outros, podem estar presentes, ademais, o

sentimento de culpa pela partida do ente pode ocorrer (apud SANTOS, 2017).

No senso de proteção muitos adultos tentam silenciar a morte, ou contam de forma errônea. A má interpretação dessa fase é bem traumática para as crianças, pois o funcionamento delas é acionado a partir da interação delas com o mundo, e dela com ela mesma. Segundo Piaget, por volta dos 4 anos, começa o desenvolvimento da linguagem e a mudança significativa do comportamento intelectual, social e afetivo. Nessa fase, a criança busca razões e os porquês de tudo. O pensamento ainda é bastante concreto, ainda sendo difícil a assimilação de ideias. Quando essa criança se depara com o luto, percebe a morte e compreende que sente falta da pessoa, mas que ela poderá voltar, é tudo muito fantasioso (FLORES, 2021).

Na eventualidade da per-

da, a criança não consegue identificar essa separação do seu objeto de desejo, Piaget aponta que essa compreensão de irreversibilidade da morte só ocorre por volta dos 7 anos quando a criança chega ao pensamento operatório concreto. Existe uma dificuldade de entender que o seu objeto de amor não voltará, tornando difícil o processo de elaboração da perda (FRANCO e MAZORRA, 2007).

A partir dos 7 anos a criança começa a construir uma lógica de pensamentos que são as estruturas operacionais concretas. Segundo Piaget, nessa idade é o momento da constituição de instrumentos do conhecimento, onde o foco é a ação, são ações interiorizadas ou conceitualizadas até o momento. Passam a ser categorias de operações, esse termo operação é a ação do sujeito, nessa fase do pensamento operatório a criança obtém a habilidade de pensar em

uma ação e reverter esse pensamento, basicamente é uma operação coordenada e reversível e irreversível é o princípio de lógica (DE PADUA, 2009).

A correta elaboração do luto infantil, permitindo vivenciar a dor da perda e a expressão de emoções e sentimentos deve estar presente, assim, pessoas próximas devem incentivar a verbalização e demonstração do que se sente, evitando que comportamentos agressivos, dor corporal e irritabilidade permeiem a criança, frisando a importância em acolher o infante (SANTOS, 2017).

Luto na infância pela perda de um dos genitores

Conforme Torres (2012, p. 126) a morte de um dos pais gera na criança uma das maiores crises que atravessará na vida, não tendo o mundo a mesma repre-

sentação de segurança que possuía antes. O infante passará por alguns aspectos após essa perda, tais como: continuar na fantasia de estar ligado ao progenitor que partira, investir energia em outras tarefas, ter medo de amar outras pessoas, para somente no fim aceitar a ausência e encontrar outro ser para amar, resultando em um processo normal de luto. Caso contrário, futuramente há grandes possibilidades de haver um relacionamento complicado pela busca de vínculo semelhante ao vivido com o genitor que morreu.

O tipo de morte que acomete o genitor pode ter fortes impactos sobre a criança, em sua vida e emoções. A classificada como repentina, diferentemente do ciclo natural da vida em que se espera a partida (como no caso dos avós ou pais em idade avançada), há grandes possibilidades de ser um evento traumático para os de-

mais familiares que se encontram vivos, mais ainda para o infante. Este, por sua vez, ao se deparar com o fato, tem seu sentimento de onipotência com relação aos pais prejudicado, pois os pais não tem superpoderes como pensavam, além disso, não há a possibilidade de um luto antecipatório existir como modo de preparação psíquica para este evento (ANTON e FAVERO, 2011).

O sentimento de desamparo é perceptível no infante ao perder uma figura de grande vínculo. Assim, a partida de um dos pais gera saudade deste ente, medo do abandono e raiva por não poder reencontrá-lo. A ausência de alguém próximo desencadeia no sujeito às mesmas sensações existentes na relação da mãe e o bebê, no momento em que há afastamento da figura materna, representando uma forte ameaça para quem passa pelo processo de luto.

Na criança esse episódio pode promover o aumento da ansiedade de separação, que está presente no luto (BOWLBY, 2006).

Ao perder um dos genitores, existe a perda também do que ainda está em vida, com relação a sua forma, pela modificação em seus aspectos comportamentais e emocionais, visto que os papéis precisam de uma nova adaptação após a perda. Logo, a criança perde sua base de segurança e identificação, assim sendo, a morte de um dos genitores ocasiona a ruptura com o mundo que a mesma conhecia (ANTON e FÁVERO, 2011).

CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA FRENTE AO LUTO NA INFÂNCIA

A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e os processos mentais, tem

como objeto de estudo a subjetividade, que é a expressão de cada um, o modo de pensar e falar, se comportar, são os valores morais e éticos de cada sujeito. É a forma como o indivíduo vai sendo construído a partir de suas experiências. Por ser uma ciência, possui um conjunto de conhecimentos e fatos da realidade comprovados e sistematizados (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Seu início como ciência está atrelada a criação do primeiro laboratório experimental através do fisiologista Wundt em 1879, este foi o marco para começar-se a estudar os fenômenos psicológicos como sensação e percepção, e o desenvolvimento das escolas ou teorias psicológicas que se modificaram no decorrer do tempo até a atualidade (TELES, 2017). A atuação do profissional da Psicologia deve se pautar no Código de Ética Profissional construído pelo Con-

selho Federal de Psicologia (BRASIL, 2005), o qual descreve que este trabalho deve atender às demandas sociais, levando em consideração também a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A ciência psicológica busca compreender o que motiva o ser humano, bem como a forma que se comporta, mas também trabalha para fornecer alívio ao sofrimento proveniente de situações desafiadoras, pois possui a capacidade da construção de recursos de enfrentamento diante de perdas significativas, promovendo também autoconhecimento e escoamento das emoções (GLEITMAN; REISBERG; GROSS, 2003).

Em relação ao enfrentamento do luto e a diminuição dos seus efeitos, existem estratégias que podem ser citadas, como a busca por apoio especializado, auxílio médico, grupos de aconselhamento sobre luto e a psico-

terapia. Por meio desta última, o profissional da Psicologia contribui para a visualização integral do enlutado, ou seja, nas esferas física, social, psicológica e em seu aspecto emocional como um todo.

Assim, permite que este expresse e valide seus sentimentos, para que se torne possível ressignificar este momento, evitando assim, o desenvolvimento de maiores problemas emocionais, físicos, bem como a vivência prolongada desse luto, evitando que se torne patológico (FIGUEIREDO, 2019).

Em suas multifacetadas, a psicologia visa contribuir no enfrentamento e elaboração do luto, a partir de uma reorganização na forma que o indivíduo encara essa nova fase, dando ênfase às suas principais preocupações e medos. O profissional da psicologia colabora nessa reorganização de forma a sugerir novas perspectivas, considerando essa organização em



várias esferas da rotina (RAMOS, 2016). O objetivo principal nesse primeiro momento é o acolhimento e a escuta ao enlutado, enfatizando a empatia a fim de facilitar a livre expressão dos sentimentos e emoções, sendo bem comuns o aparecimento da raiva, medo, desamparo e dúvidas acerca do futuro considerando as crenças que o enlutado tem sobre a morte e o luto, respeitando o ritmo e o tempo de cada indivíduo (BASSO e WAINER, 2011).

O luto é seguido de uma ruptura de conexão, que é experienciado com o desamparo e a insegurança. Sugere-se que os genitores, educadores, e psicólogos não omitam e nem delimitem a notícia do falecimento de alguém. Ao contrário disso é necessário que seja expressado, e preparado para essa fase da vida, para que assim a criança comece assimilar o enfrentamento necessário para a

superação dessa angústia da perda. A explicação da morte deve ser feita na linguagem de acordo com a faixa etária na qual se refere o entendimento cognitivo da criança, dando espaço para que a mesma pergunte ou questione, expresse sua dúvida. Na narrativa deve-se evitar fantasias e fábulas, pois a criança tem a tendência a imaginar histórias, uma vez que a sua capacidade de pensamento abstrato ainda não foi consolidada (RONCATTO, 2019).

A psicologia contribui de diversas formas para a elaboração do luto na infância, Tillman e Prazak (2018) retrataram sobre um protocolo de 10 sessões com crianças que estavam no ensino básico e sofreram a partida de um ente querido, que consistia em aconselhamento em grupo, de modo a trabalhar as emoções (expressão e identificação), lembrar os que partiram e dizer adeus, dentre ou-

tras atividades, obtendo resultado positivo com os alunos, professores e pais que participaram. Além disso, segundo Cipriano et al. (2021), centros ou grupos de apoio ao luto para o caso da morte de um dos pais, funciona como uma das estratégias que a Psicologia dispõe pois, o luto a ser vivenciado pela criança terá relação com o modo que o adulto lida, sendo necessária também a inserção do genitor sobrevivente.

A psicologia se utiliza também da psicoeducação para evidenciar sobre a importância de estimular a criança a verbalizar as emoções geradas pelo luto e permitir um diálogo aberto com ela, prestando acolhimento às suas preocupações quanto a morte e inclusão da criança no processo familiar do luto, visto que essas são informações onde os cuidadores do infante devem ter conhecimento, de modo que contribuirá para a

elaboração do luto infantil e seus processos (HANNA et al., 2021). Segundo Chen e Panebianco (2017) outro meio bastante utilizado para trabalhar o luto com crianças é através da terapia lúdica, que consiste na utilização de jogos e brincadeiras durante os atendimentos, sendo uma estratégia importante devido à sua eficácia para a expressão das emoções infantis, pois através da fantasia, há a exposição da realidade aos olhos da criança, fator este relevante e necessário na partida do ente querido.

Há intervenções psicossociais primárias para lidar com o luto que se referem ao acolhimento e disseminação de informações, por meio de palestras, folhetos, atividades de arteterapia e outros. As secundárias são direcionadas aos que possuem sinais ou sintomas de dificuldade para lidar com a vivência, sendo psicoterapia em grupo de autoajuda ou orienta-

ção, aconselhamento e workshops. Ambas intervenções tem o objetivo de trazer informação, acolhimento, incentivo à validação dos sentimentos, proporcionar alívio emocional, diminuir os riscos e possibilitar o fortalecimento dos recursos de enfrentamento individuais dos enlutados (CASELLATO, 2015).

A linguagem psicológica mais utilizada para esse processo de luto infantil é demarcada por uma comunicação que não utiliza metáforas, que são muito observadas em adultos para se dirigir ao infante acerca do diálogo sobre a partida do ente querido, além do psicólogo fazer uso da verdade na fala com a criança, respeitando a sua fase de desenvolvimento e conhecimento sobre a temática da morte, meios que facilitam a elaboração do luto infantil (PEREIRA et al., 2021).

METODOLOGIA

Tipos de Pesquisa

A metodologia é utilizada nas pesquisas com o intuito de verificar se o conhecimento encontrado possui veracidade, através do estudo metódico e sistemático da realidade, baseando-se na busca do que pode ter sido a causa dos fatos bem como as regras que os regem. A mesma possui dois significados, sendo o primeiro referente a um ramo da Pedagogia que está no âmbito da transmissão do conhecimento e o segundo está relacionado à metodologia científica e da pesquisa que trata do estudo crítico e analítico para investigação e comprovação da realidade (ZANELLA, 2006).

Este trabalho baseia-se por pesquisa bibliográfica, qualitativa-descritiva, com a finalidade de realizar o levantamento de trabalhos já publicados acerca da

presente temática. De acordo com Raupp e Beuren (2006) a pesquisa qualitativa tem o intuito de discorrer sobre a complexidade de um problema específico, bem como a interação de algumas variáveis, além de entender e classificar diferentes processos vivenciados por grupos sociais. Concebe-se também análises mais detalhadas em relação ao fenômeno estudado. A principal característica presente na pesquisa qualitativa se dá pela não utilização de um instrumento estatístico no processo de análise de um determinado problema, ou seja, não busca numerar ou medir categorias homogêneas ou unidas.

Segundo Gil apud Raupp e Beuren (2006) a pesquisa descritiva visa explicar as características de populações ou fenômenos específicos e a relação entre ambos. Utilizam-se técnicas padronizadas para coleta de dados, além de re-

gistrar, classificar e interpretar os fenômenos físicos e humanos, sem interferência do pesquisador.

Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão estabelecidos para a seleção das publicações foram: os artigos a partir dos títulos, todos os que continham as palavras referentes à pesquisa; seleção por período (2005 a 2021); terem sido publicados nos idiomas português (brasileiro) e inglês, artigos e livros relacionados às temáticas sobre psicologia, luto, infância e perda dos genitores. Em seguida, foram realizadas leituras mais seletivas dos artigos selecionados, a fim de verificar se eles continham a mesma linha de pesquisa do presente trabalho. Os critérios de exclusão foram: artigos com datas fora do período mencionado para a pesquisa, os que não tinham foco na

infância, foram excluídos também, outros tipos de lutos pela perda de animais, objetos, fins de relacionamentos, bem como outros, restringindo-se apenas ao rompimento de vínculo afetivo com um dos genitores.

Levantamento das informações

Foram analisadas publicações que tratam sobre luto na infância pela perda de um dos genitores e a contribuição da psicologia, utilizando-se revistas científicas, artigos e livros, nos períodos de 2005 a 2021, pois, tem-se como objetivo verificar o índice de produtividade das publicações nacionais e internacionais sobre essa temática nesse período.

Para a localização dos trabalhos publicados referentes ao tema pesquisado, foram consultados os bancos de dados: PePSIC, SciELO e Google acadêmico, bi-

bliotecas eletrônicas que englobam uma coleção designada de periódicos da ciência brasileira e americana e livros. Essas bases de dados foram escolhidas por serem bases de referências científicas e por incluírem publicações em Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observaram-se poucos trabalhos que compreendiam a todos os requisitos da pesquisa, através das palavras-chave foram encontradas 21 publicações, dentre estas apenas 16 corroboravam com a temática, sendo treze (13) no GOOGLE ACADÊMICO, uma (1) na sciELO e dois (2) na PePSIC. Dentre estes, quatro (4) estão escritos em língua inglesa e os demais em português. Os resultados da pesquisa se encontram distribuídos no Quadro 1, detalha-

dos conforme os autores, banco de dados, tipos de publicação e tipo de pesquisa.

Quadro 1: Caracterização das informações selecionadas conforme autores, banco de dados, tipos de publicação e de pesquisa.

AUTORES (ANO)	BANCO DE DADOS	TIPOS DE PUBLICAÇÃO	TIPOS DE PESQUISA
Anton; Favero (2011)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Basso; Wainer (2011)	PePsic	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Carnaúba; Pelizzari; Cunha (2016)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Casellato (2015)	Google Acadêmico	Livro	Pesquisa bibliográfica empírica.
Chen; Panebianco (2021)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica
Cipriano; Barry; Cirpiano (2021)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Franco; Mazorra (2007)	SciELO	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Figueiredo (2019)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica
Leandro; De Freitas; Lima (2015)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica
Hanna et al. (2020)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Neufeld; Reis (2015).	Google Acadêmico	Livro	Pesquisa bibliográfica empírica.
Paiva (2011)	Google Acadêmico	Livro	Pesquisa bibliográfica empírica.

Pedro et al. (2010)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Pereira et al. (2021)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Roncatto (2019)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Tillman; Prazak (2018)	Google Acadêmico	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.
Yamaura; Veronez (2016)	PePsic	Artigo Científico	Pesquisa bibliográfica empírica.

Fonte: Autores, (2022).

Dentre as publicações selecionadas, segundo Leandro, de Freitas e Lima (2015), a perda de um dos pais para a criança representa uma das maiores crises que esta irá atravessar na vida, gerando variados sentimentos. Conforme Anton e Favero (2011) a depender do tipo de morte em que se perdera o vínculo, a elaboração deste luto será ainda mais difícil, como se observa em casos de morte repentina de um dos genitores, onde há grandes possibilidades de ser um evento traumá-

tico para todos, principalmente para o infante, que desfaz a imagem de onipotência que tinha e com o fato repentino, não possui preparação psíquica. O sentimento de desamparo predomina e há uma ruptura com o mundo que conhecia antes, devido ao luto e desorganização também vivida pelo genitor sobrevivente.

De acordo com Carnáuba, Pelizzari e Cunha (2016) para Kovács (apud 1992) a morte de um ente querido gera intenso sofrimento e dor, devido ao vín-

culo que foi construído e pela representatividade que possui. Isso torna-se mais abrupto quando a mesma ocorre de forma inesperada, como na infância, quando a criança perde uma de suas figuras de referência. Diante de um dor dessa magnitude, o infante precisará ter apoio da família e do genitor sobrevivente, de modo que consiga expressar-se, escoar seus sentimentos e emoções, ser acolhido, para que se sinta seguro, sendo necessário incluí-lo em todo o ritual que marca aquele momento. A forma como essa elaboração vai acontecer, depende diretamente da forma como seus familiares lidam com o luto, assim como a forma em que a criança teve acesso ao acontecido e o vínculo estabelecido com a figura de amor (LEANDRO e FREITAS, 2015).

Segundo Figueiredo (2019), há muitas estratégias para

trabalhar esse processo de luto, no qual através de busca por apoio especializado, auxílio médico, grupos de aconselhamento sobre luto e psicoterapia serão acolhidas essas demandas. Através da Psicologia haverá a visualização integral dos enlutados conforme todas as suas dimensões, permitindo expressar e validar seus sentimentos, para que o enlutado possa ressignificar o momento e evitar o desenvolvimento de problemas físicos e emocionais ou a vivência prolongada deste processo.

Para Basso e Wainer (2011), o primeiro contato com o psicólogo tem como objetivo principal o acolhimento e escuta ao enlutado, de modo empático para facilitação da expressão de sentimentos e emoções. São comuns observar os sentimentos de raiva, medo, desamparo e dúvidas sobre o futuro, considerando

o que conhece sobre morte e luto, assim, o profissional deve respeitar o tempo e ritmo do indivíduo.

Conforme Roncatto (2019) são comuns o sentimento de desamparo e insegurança, sugere-se que genitores, educadores e psicólogos não omitam e nem delimitem a notícia do falecimento para crianças, sendo preciso expressar e prepará-las para a fase, para lidar e superar a angústia da perda. A notícia deve ser dada de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo da criança, deixando espaço para que questione suas dúvidas. Deve-se evitar histórias fantasiosas devido à sua capacidade de pensamento abstrato ainda não estar consolidada.

Segundo o estudo de Tilman e Prazak (2018) foi retratado um protocolo de 10 sessões realizado com crianças que perderam um ente querido e se

encontravam no ensino básico.

Consistia em aconselhamento em grupo para trabalhar a expressão e identificação das emoções, lembrar e dizer adeus aos que partiram, dentre outras atividades. Obteve-se resultado positivo dentre os alunos, professores e pais que participaram.

Para Cipriano e colaboradores (2021) a participação do genitor sobrevivente em centros e grupos de apoio para o caso da morte de um dos pais, é uma estratégia que a psicologia dispõe, visto que o luto a ser vivenciado pela criança terá relação direta pelo modo como o adulto lida com este processo.

De acordo com Hanna e colaboradores (2021) a psicologia deve evidenciar a importância de estimular a criança a verbalizar as emoções geradas pelo luto, por meio de um diálogo aberto e prestando acolhimento às suas

preocupações quanto a morte, informações que os cuidadores devem ter conhecimento, para incluir o infante nesse processo de luto, o que contribuirá com a sua elaboração.

Evidencia-se conforme Chen e Panebianco (2017) a utilização da terapia lúdica para trabalhar a demanda do luto, esta prática consiste em fazer uso de jogos e brincadeiras durante os atendimentos devido à sua eficácia para trabalhar as emoções infantis, visto que por meio da fantasia, há a exposição da realidade aos olhos da criança, fator relevante e necessário para lidar com a partida do ente querido.

Caselatto (2015) destaca a intervenção psicossocial primária, que se refere a acolher e trazer informações como palestras, folhetos e sessões de arte-terapia. E também a intervenção psicossocial secundária que são

para pessoas que têm dificuldade de lidar com a vivência do luto, nesse caso é indicado grupos de autoajuda, orientação e aconselhamento. A intenção das duas intervenções é disseminar informações, fornecer acolhimento, proporcionando assim o alívio emocional, para desenvolver recursos de enfrentamento individual aos enlutados.

Segundo Pereira (2021) a linguagem psicológica a ser destacada, é por meio de uma comunicação clara, sem a utilização de metáforas ou fantasias. Prática que é muito observada em adultos quando existe a necessidade de falar sobre morte ao infante. O terapeuta deve fazer o uso da verdade na fala da criança, respeitando a sua fase de desenvolvimento a fim de facilitar a elaboração desse luto infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, considera-se a importância de abordar sobre o Luto na Infância frente a perda de um dos genitores, tal temática se configura como um tema de relevância, pois visa esclarecer a necessidade de compreender que o infante possui noção sobre a morte, sendo essencial sua inserção em todo o ritual. Os estudos realizados comprovam que, caso isso não ocorra, a criança terá consequências que irão impactar de forma negativa seu desenvolvimento cognitivo, físico, social e psicológico.

Identificou-se que a criança vivencia esse luto de forma similar a do adulto, por isso, o mesmo precisa estar esclarecido quanto a importância da elaboração dessa perda para a criança. Em muitos casos, quando o mesmo é excluído desse processo,

poderá desenvolver sentimentos de abandono, confusão, raiva, insegurança, agressividade, isolamento, reverberando em consequências a longo prazo na idade adulta como ansiedade, depressão e outros transtornos, afetando de forma significativa a saúde física e emocional deste indivíduo em pleno desenvolvimento.

No que concerne às contribuições da Psicologia, existe a utilização da Psicoeducação para com a criança e familiares, estratégia que consiste no fornecimento de informações e esclarecimentos em relação ao luto e suas nuances, bem como as repercussões que o mesmo ocasiona, além da identificação de recursos de enfrentamento e a construção de intervenções terapêuticas eficazes para ajudar na elaboração da perda. A ciência psicológica também possui recursos lúdicos voltados à criança, visto que essa

fase demanda do profissional um manejo diferente que considere o nível de entendimento que o mesmo possui naquele momento.

Observa-se também que ao psicólogo cabe uma postura de acolhimento e escuta das demandas do infante, estimulando-o a expressar e validar seus sentimentos para a ressignificação do momento, o acompanhamento psicológico proporciona alívio emocional e o desenvolvimento de recursos de enfrentamento aos enlutados. Além disso, existe o trabalho acerca das emoções para que seja possível expressá-las e identificá-las, contribui na elaboração do luto. Em se tratando do genitor sobrevivente, a participação em centros ou grupos de apoio é uma excelente estratégia a ser utilizada, uma vez que o luto a ser vivenciado pela criança terá relação direta com o modo em que o adulto lida.

A Psicologia dispõe de muitas estratégias para elaboração do luto infantil, no entanto, identificou-se a necessidade de mais estudos acerca da temática, pois na literatura nacional foram encontrados poucos trabalhos que tratassem sobre luto na infância com a perda de um dos genitores, onde precisou-se buscar apoio em pesquisas de produção americana para uma melhor coleta dessas contribuições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTON, Márcia Camaratta; FAVERO, Eveline. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*, v. 15, n. 1, 2011.

BASSO, Lissia Ana; WAINER,

Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 7, n. 1, p. 35-43, 2011.

BOWLBY, J. (2006). Formação e rompimento dos laços afetivos (4a ed.) (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1972).

CARNAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZARI, Cláudia Camargo Arthou Sant'Anna; CUNHA, Samai Alcira. Luto em situações de morte inesperada. PSIQUE, v. 1, n. 2, p. 43-51, 2016.

CASELLATO, G. 2015. O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não-reconhecido. São Paulo: Summus.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK,

Milena Lieto; BONFIM, Tania Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. Psicólogo em formação, v. 17, n. 17, p. 87-105, 2013.

CHEN, C. Y.C.; PANEBIANCO, A. 2021. Interventions for young bereaved children: A systematic review and implications for school mental health providers. In: Child & Youth Care Forum. New York - USA, p. 151-171, jul. 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10566-017-9426-x>. Acesso em: 22 set.

CIPRIANO, D. J; BARRY, C.; CIPRIANO, S. 2021. Parental Engagement in Grief Programming Is Related to Children's Outcomes; OMEGA - Journal of Death and Dying; Milwaukee - USA, Disponível em: <https://journals.sagepub.com/>

doi/10.1177/00302228211008738.

Acesso em: 22 set. 2021.

COMBINATO, Denise Stefano-
ni; QUEIROZ, Marcos de Souza.

Morte: uma visão psicossocial.
Estudos de Psicologia (Natal), v.
11, n. 2, p. 209-216, 2006.

CONSELHO F E D E R A L
DE PSICOLOGIA. Código de
Ética Profissional do Psicó-
logo.2005.

DE PÁDUA, Gelson Luiz Dalde-
gan. A epistemologia genética de
Jean Piaget. Revista FACEVV| 1º
Semestre de, n. 2, 2009.

FIGUEIREDO, Lucimar Silvei-
ra. A dor tem cura? Avaliação da
eficácia da psicoterapia na pre-
venção do luto patológico. Psico-
logia-Tubarão, 2019.

FLORES, Dara Maria Martins

S.; CRUZ, Santa; PENARIOL,
Marita Pereira. O luto infantil e
a educação para a morte no con-
texto escolar.

FRANCO, Maria Helena Pereira;
MAZORRA, Luciana. Criança
e luto: vivências fantasmáticas
diante da morte do genitor. Estu-
dos de Psicologia (Campinas), v.
24, 2007.

GLEITMAN, Henry; R E I S -
BERG, Daniel; GROSS, James.
Psicologia-7. Artmed Edito-
ra,2003.

GONÇALVES, Josiane Peres. Ci-
clo vital: início, desenvolvimento
e fim da vida humana possíveis
contribuições para educadores.
Revista Contexto & Educação, v.
31, n. 98, p. 79- 110, 2016.

GUILHERME, Thais Amanda¹.

A ELABORAÇÃO DO LUTO



NA INFÂNCIA. Sociedade Cultural e Educacional de Garça Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral, p. 21.

HANNA, J. R.; MCCAUGHAN, E.; BECK, E. R.; SEMPLE, C. J. Providing Care to Parents Dying from Cancer with Dependent Children: Health and Social Care Professionals Experience; *Psycho-Oncology*; Chichester - GB, v. 30, n. 3, p. 331–339, 2020; out. 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pon.5581>. Acesso em: 22 set.2021.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*, 1981.

KOVÁCS, Maria Júlia. Perdas e Processos de Luto. In: SANTOS, Franklin Santana (Org.). *A arte*

de morrer: visões plurais. *Bragança Paulista: Editora Comenius*, 2009.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 25, n. 3, 2005.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte no Processo do Desenvolvimento Humano. *A Criança e o Adolescente diante da morte*. Impresso no Brasil/Printed in Brazil, p. 49, 1992.

LEANDRO, JOSILAINE COSTA; DE FREITAS, PATRÍCIA MARIA LIMA. Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. *Uningá Journal*, v. 46, n. 1, 2015.

MACHADO, Renata; MENEZES, Rachel Aisengart. *Gestão Emocional do Luto na Contemporaneidade*. REVISTA CIÊN-

CIAS DA SOCIEDADE, v. 2, n. 3, 2018.

MANFROI, Edi Cristina; MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luis. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Journal of Human Growth and Development*, v. 21, n. 1, p. 59-69, 2011.

MEIRELES, Iara Oliveira. O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. *Revista Ciências Humanas*, v. 9, n. 1, 2016. APA

NEUFELD, C. B.; REIS, A. H. O vovô não vai voltar. *Trabalhando o luto com crianças*. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

NETO, Jorge Ondere; DE MACEDO LISBOA, Carolina Sa-

raiva. *Doenças associadas ao luto antecipatório: uma revisão da literatura*. *Psicologia, Saúde e Doenças*, v. 18, n. 2, p. 308-321, 2017.

PAIVA, Lucélia. *A arte de falar da morte para crianças*. 2011.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Humano*. PEDRO, Ana et al. *A Vivência da Morte na Criança e o Luto na Infância*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2010

PEREIRA, Lohanny Alessandra Gonçalves et al. *Atendimento ao Luto na Infância: Percepções e Estratégias Utilizadas pelo Psicólogo*. *International Journal of Development Research*, v. 11, n. 11, p. 52204-52212.

PEREIRA, Silvana Maria; PI-



- RES, Eliana Ferrante. As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico. Revista Educação-UNG-Ser, v. 13, n. 1, 2018.
- PEIXOTO ALCÂNTARA, Maria Luiza et al. O luto através de perspectivas da psicologia. 2021
- PIERASSOL, Alessandro Ferreira et al. As fases do luto frente à castração. Revista Científica UNIFAGOC-Multidisciplinar, v. 2, n. 1, 2018.
- PORTELLA, Roberta. Vamos falar sobre o luto na infância? Revista Exatto Educacional, v.2, n.6, junho de 2020.
- RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. Revista Psicologia, v. 12, n. 1,p. 13-24, 2016.
- RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2006.
- RONCATTO, Rafaela. Luto Infantil. 2019.
- RIBEIRO, CAROLINE MATILDE DA SILVA et al. RELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE LUTO E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. In: Congresso Internacional em Saúde. 2021.
- SANTANA, Marleide de. O luto e suas fases: a Arterapia como ferramenta no processo terapêutico do enlutamento. 2017.
- SANTOS, Gabriela Casellato Brown Ferreira. Intervenção do profissional de saúde mental em

situações de perda e luto no Brasil. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 2, n. 3, p. 116-137, 2017.

SANTOS, Renato Caio Silva; YAMAMOTO, Yuri Molina; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. Psicologia, p. 1-18, 2017

SCHUBERT, Gustavo. O processo de não elaboração do luto e suas possíveis consequências. 2017

SOARES, Edirrah Gorett Bucar; MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. Conversando sobre o luto. Editora Agora, 2013.

TELES, Maria Luiza Silveira. O que é Psicologia. Brasiliense, 2017.

TILLMAN, K. S; PRAZAK, M. Kids Supporting Kids: A 10-Week Small Group Curriculum for Grief and Loss in Schools. Counselling and Psychotherapy Research, Dakota do Norte - USA, v. 18, n. 4, p. 395-401, ago. 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/capr.12190>. Acesso em: 22 set. 2021.

TORRES, Wilma da Costa. A criança diante da morte: desafios. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

TRAPP, Edgar Henrique Hein; SANTOS, Lilya Sousa. A elaboração do luto na primeira infância, estudo de caso clínico. Revista Ciência Contemporânea, v. 4, n. 1, 2018.

VENDRUSCOLO, Juliana. Vi-

são da criança sobre a morte. Medicina (Ribeirão Preto), v. 38, n. 1, p. 26-33, 2005.

VERISSIMO, Ramiro. Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson). 2002.

VON HOHENDORFF, Jean; DE MELO, Wilson Vieira. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 9, n. 2, p. 480-492, 2009.

WORDEN, J. William. Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto (4a edição ed.). Sa o Paulo: Roca, 2013.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. Psicologia Hos-

pitalar, v. 14, n. 1, p. 78-93, 2016.

ZANELLA, Liane Carly Hermes et al. Metodologia da pesquisa. SEAD/UFSC, 2006